

ADRIANO ESPÍNOLA: UM OLHAR SOBRE A CIDADE¹⁴⁶

ADRIANO ESPÍNOLA: A LOOK AT THE CITY

Tatiana de Santana do Vale¹⁴⁷

Aleilton Santana Fonseca¹⁴⁸

RESUMO: Apresenta-se, neste artigo, uma proposta de reflexão acerca do tema cidade na criação literária do poeta da contemporaneidade brasileira, Adriano Espínola. Objetiva-se, portanto, verificar como a voz poética recria as imagens de Fortaleza e Rio de Janeiro, a partir das transformações pelas quais passaram essas cidades e sua população nos últimos anos. Busca-se observar o modo como o sujeito poético representa e relaciona a modernização desses espaços com o processo de exclusão social presente na sua espacialização urbana. O artigo fundamenta-se no diálogo entre estudiosos da literatura moderna e contemporânea, que consideram relevante essa temática.

PALAVRAS-CHAVE: Adriano Espínola; Literatura Contemporânea; Representações Urbanas.

ABSTRACT: This article presents a proposal for reflection about the theme city in the literary creation of the poet of Brazilian contemporaneity, Adriano Espínola. The aim is, therefore, to verify how the poetic voice recreates the images of Fortaleza and Rio de Janeiro, from the transformations that these cities and their population have undergone in recent years. It seeks to observe how the poetic subject represents and relates the modernization of these spaces with the process of social exclusion present in their urban spatialization. The article is based on the dialogue between studios of modern and contemporary literature, who consider relevant this theme.

KEYWORDS: Adriano Espínola; Contemporary Literature; Urban Representations.

¹⁴⁶Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada *Visões da Cidade: representações urbanas na poesia de Adriano Espínola*. Feira de Santana: UEFS, 2018.

¹⁴⁷ Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana – Brasil. Professora do Instituto Federal Baiano, *campus* Serrinha – Brasil. E-mail: tatiana.vale@ifbaiano.edu.br

¹⁴⁸ Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo – Brasil. Professor pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4820-5676>. E-mail: aleilton50@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O poeta Adriano Espínola, nascido em Fortaleza, no ano de 1952, estreia no cenário da literatura brasileira em 1981, com o poema “Fala Favela” – estrutura lírico-dramática de cunho social, cuja temática é instigada pela problemática dos sem-teto e sem-terra do Brasil. O cenário urbano predomina em sua criação literária através de uma linguagem que busca incorporar a velocidade e o ritmo da vida contemporânea. Carregada de simbologia, a sua poesia entrelaça discursos e vozes, com dimensões temporais e espaciais que ecoam para além de suas origens. As cidades que constituem seus lugares de observação e de fala são Fortaleza, cidade natal, e o Rio de Janeiro, metrópole onde reside há anos. Entretanto, sua poética ultrapassa os limites e as fronteiras de ambas.

Na obra de Espínola a cidade, enquanto lugar de trânsito e experiência, é o *locus vivendi* do eu lírico. O movimento constante das pessoas, o movimento de veículos e a agitação da vida cotidiana são motivos frequentes em sua poesia. O poeta transmuda as suas vivências em representações líricas, ao traduzir em palavras as imagens que seu olhar colhe no “caos” das cidades contemporâneas. O suporte da construção poética em Espínola é reconhecer a cidade como objeto de poesia dentro do contexto de modernização problemática e de constante transformação das cidades. O poeta inclui o homem urbano como sujeito social nesse cenário aparentemente indomável das metrópoles. Como observador das ruas, procura dar sentido à cidade submetendo-a à medida das palavras.

Na poesia de Espínola, o olhar lírico se projeta sobre a cidade para ressignificar as paisagens, as ações e as agitações das ruas. Esse olhar não explora o lugar urbano em sua totalidade, mas o revela a partir dos seus aspectos triviais, o que se torna expressivo e revelador nos poemas. De modo conciso, o poeta processa uma leitura da cidade contemporânea e a representa através de detalhes, transformando os seus ruídos em poemas que desvelam o caráter dinâmico, múltiplo e efêmero da vida urbana.

Adriano Espínola tem recebido a atenção de críticos e leitores que apontam a sua densidade lírica e a singularidade de sua criação poética acerca do caos urbano, em que a vida flui em frenética velocidade. Como salienta Ítalo Calvino (1990, p. 58), a velocidade é um valor mensurável imposto pelo século da motorização, cujos recordes balizam a história do progresso da máquina e do homem. Espínola incorpora a velocidade como um indicador indissociável da vida urbana, assimilando-a na fluência dos versos, como ritmo de sua escrita e configuração textual, conforme recomenda Calvino (1990) à literatura deste milênio.

O poeta francês Charles Baudelaire (1995, p. 41) destaca a condição do poeta moderno, como um ser solitário que cria sua arte em meio à multidão urbana: “Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis pelo poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão também não sabe estar só no meio de uma multidão ocupadíssima”. A criação poética de Adriano Espínola nos lança na voragem das metrópoles, onde a dicotomia baudelairiana “multidão/solidão” adquire uma nova conotação. Segundo Aleilton Fonseca (2012, p. 148), no livro *O Arlequim da Pauliceia*, “[...] o tema da solidão é recorrente na poesia moderna e se manifesta com assiduidade nos textos que tematizam a vida da cidade.”¹⁴⁹ Em Espínola, a “solidão” é, paradoxalmente, reflexo de um mundo que se mostra “unificado” pelas regras impostadas pelo mercado e pela tecnologia, essa força motriz capaz de unir fronteiras, mas que também constrói barreiras aparentemente intransponíveis. O poeta se move no mundo em plena era das desarticulações de tradições consolidadas e do

¹⁴⁹Segundo Fonseca, (2012, p. 148), “Desde Baudelaire, o poeta moderno tomou consciência da multidão de rostos, na qual é impossível conhecer a face individual de cada homem. Na multidão, todos se parecem, pois a percepção da individualidade se perde no torvelinho formigante da vida cotidiana. O indivíduo que participa da multidão deixa sua identidade em suspenso, dilui-se entre os demais desconhecidos e aí experimenta a estranha condição do solitário urbano. Fechado em si mesmo, consciente de sua condição particular, o indivíduo pode se proteger.”²

desgaste das relações interpessoais, pois ele tem consciência de que, como salienta Berman (1986, p. 87): “Tudo o que é sólido se desmancha no ar”¹⁵⁰.

O distanciamento entre os sujeitos, fruto da vida agitada nos grandes centros urbanos, contribui para a sensação inescapável da solidão. Apesar da circulação de vários sujeitos e diversas linguagens, o clima de incertezas é um dos principais legados desse espaço, o que repercute nas relações interpessoais e institucionais, fazendo com que todos vivenciem diferentes estados de (des)encontro. A poesia de Espínola sugere repensar criticamente o estilo de vida nesses espaços e, talvez, pensar em novas formas de convivência e civilidade.

2. O “CAOS” URBANO SOB MÚLTIPLOS OLHARES

Adriano Espínola emprega a linguagem lírica para dar expressão à cidade em sua movimentação, de modo a demonstrar, através das vivências e da crítica, a sua precária dimensão humana. O eu lírico observa as cenas, interpreta os sentidos, narra os fatos e revela os movimentos da vida nesse espaço múltiplo que, ao anular as referências habituais, transforma-se em um não-lugar, no qual o sujeito já não se reconhece, e, em crise, precisa compreender, se situar e se

¹⁵⁰No livro *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar*, Marshall Berman (1986) comenta que “a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade, (p. 15)”. Ele faz uma reflexão importante sobre a modernidade definindo-a como um conjunto de experiência vital de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida compartilhada por todos em todo o mundo hoje. Além disso, Berman chama a atenção para um fato importante: “para que as pessoas sobrevivam na sociedade moderna”, independente de classe social, elas devem policiar “suas personalidades” as quais “necessitam assumir a fluidez e a forma aberta dessa sociedade”. Sendo assim, as pessoas precisam aprender a aspirar à mudança, não só em sua vida pessoal e social, mas “ir efetivamente em busca das mudanças, procura-las de maneira ativa, levando-as adiante”. Elas “precisam aprender a não lamentar com muita nostalgia as “relações fixas, imobilizadas” de um passado real ou de fantasia”. Sendo assim, precisam aprender “a se deliciar na mobilidade, a se empenhar na renovação”. Para que isso aconteça, elas precisam “olhar sempre na direção de futuros desenvolvimentos em suas condições de vida e em suas relações com outros seres humanos, (1986, p. 94)”.

adaptar às novas circunstâncias. Como notifica Portella, no prefácio do livro *Em trânsito – Táxi/Metrô*,

[...] Ele confere vigor ao “não lugar”, a essa instância reveladora (non-lieux) trazida a nós por Marc Augé, a esses espaços mais ou menos incertos, onde o homem, extraviado das suas geografias clássicas ou simplesmente habituais, joga, como esses jogadores perplexos e desconfiados, a paixão, o medo, a chance efêmera [...]. (PORTELLA, 1996, p. 12)

A construção poética de Espínola revela o poder do olhar em consonância com o filtro da subjetividade. A partir disso surge a outra voz que assume o discurso. Há, portanto, um apagamento do sujeito real para dar lugar ao sujeito lírico, que projeta imagens o mais próximo possível de seu tempo, para refletir sobre as experiências e assumir uma visão de mundo mais ampla. O eu lírico percorre as dimensões temporal e espacial da cidade, mostrando as veredas do erótico, do intertexto e do interdiscurso, sob o crivo de múltiplos olhares.

Adriano Espínola ressignifica o ambiente citadino no qual o eu lírico está totalmente inserido. Através da escrita, ele representa a paisagem urbana que se modifica ao sabor e ritmo das ações humanas. A agitação, os ruídos e os vários aspectos da cidade contemporânea são incorporados em seus versos. Por meio das imagens que visualiza nas emaranhadas trilhas das ruas, o poeta sistematiza os elementos de sua percepção como ser envolvido pela engrenagem urbana.

Como salienta Sandra Jatahy Pesavento (2002, p. 8), “[...] a representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas”. Nesse ponto, a escrita de Espínola se junta a tantas outras representações que utilizam a imagem da cidade como objeto de reflexão, análise e questionamento, tornando o espaço urbano uma fonte de inspiração. Como sinaliza Pesavento (2002, p. 8-9): “A cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas

que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros.”

Ao exercitar o seu olhar crítico, o poeta cearense registra o que vê e observa em versos que simbolizam, na voz do eu lírico, a cidade como o lugar onde tudo é possível, independentemente de sua localização:

Atravessando a Praça José de
Alencar, por entre carros, vozes,
buzinas e caras apressadas, sinto
por um segundo

como se cruzasse o viaduto da
Avenida Anhangabaú ou saltasse do
subway de Nova York, embaixo do
Madison Square Garden, ou andasse
pela Avenue de l’Opera, em Paris, e
pensasse de repente como seria a
vida em uma cidade latino-
americana, nesta hora.

Talvez meus passos
acontecessem também Na
Avenida Liberdade, em Lisboa,
ou no Largo da Carioca, no Rio,
em busca de um ônibus ou do
Metrô, singrando os sinais & o
tempo pelas esquinas – ou
pelas estações, sobressaltado.

(ESPÍNOLA, 2002, p.15)

O discurso lírico de Espínola, tecido através de imagens que se entrelaçam, sem um espaço geográfico delimitado, representa a heterogeneidade social das cidades atuais. A cena que aparece nos versos acima não tem um espaço definido, mas representa cenas do cotidiano que se assemelham e se adéquam a qualquer espaço urbano atual. Como observa a ensaísta argentina Beatriz Sarlo (2006, p. 13), no livro *Cenas da vida pós-moderna*, muitas cidades latino-americanas entraram num processo de “angelenização”, ou seja, “em muitas cidades não existe um “centro”. A autora se

refere ao desaparecimento desse ponto geográfico preciso, epicentro a partir do qual a vida cidadina acontecia, principalmente nos anos 1920.

Beatriz Sarlo (2006, p. 14) observa que atualmente as pessoas pertencem mais aos “bairros audiovisuais” do que nos anos de 1920. O motivo é que “as distâncias se encurtaram, não só porque a cidade deixou de crescer, mas porque as pessoas já não se deslocam por ela, de ponta a ponta”. Os grandes centros urbanos, que outrora representaram o lugar das possibilidades e das transformações econômicas e sociais, são substituídos pelo *Shopping Center*. Os poemas de Espínola têm a marca dessa “nova” forma de transitar pelo espaço urbano. Eles trazem essa marca extraterritorial que caracteriza a vida contemporânea. É nessa nova estrutura cidadina de cultura extraterritorial que o poeta entrelaça as múltiplas leituras da cidade, na tentativa de representá-la. Pelo poder da interpretação visual e inspirada no cotidiano da vida urbana, ele elabora o seu discurso poético. Simbolicamente, sua arte representa esse espaço que se insere na dimensão temporal marcada pela transitoriedade da mercadoria e pela instabilidade dos valores. No entanto, é por meio da poesia que o poeta cearense iconiza as transformações que caracteriza a cidade, onde continuam a difundir-se a cultura, a humanização, a informação e principalmente a excentricidade reproduzida por esse ou nesse espaço.

Como esclarece Pesavento (2002, p. 54), “[...] a obra literária tem a intenção de uma tomada de consciência do leitor para os problemas de sua época” com todos os conflitos que o “viver em cidades” provoca. Para ela, o texto é sintoma de uma realidade próxima da sua existência, mas não é um guia prático de ação. O discurso literário difere dos outros discursos que podem insinuar resposta para ações, pois é menos pragmático e trabalha no âmbito do imaginário. Como afirma Pesavento (2002), “a literatura fala de um tempo outro, não vivido e fictício, supostamente acontecido para a voz narrativa – e frente ao qual o leitor se reconhece”.

O ensaísta Jorge de Souza Araújo (2008, p. 15) considera que “[...] a literatura é, em grande parte, um exercício permanente de invocações[...]. Afirma ainda que:

O escritor toma o material da vida em seu tempo e o invoca mediante evocações fragmentadas. O material em sequência é sedimentado na memória ou nas camadas mais profundas do inconsciente... Esse esforço criador é captado (ou recuperado, reinvestido) pela linguagem, que busca preservar o estatuto da verossimilhança... O envolvimento com o real assume, na forma ficcional, o disfarce, a dissimulação, a máscara, o embuste do real. Mas o real também é sua base, até por antinomia. (ARAÚJO, 2008, p. 15)

O olhar do poeta se lança sobre o real no espaço dinâmico da urbe contemporânea para registrar as imagens numa perspectiva crítica. As representações urbanas trazidas pela sua poética nos remetem à transitoriedade das coisas e à instabilidade dos valores, e demonstra o “caráter trans-social que marca a virada da pós-modernidade”, como destaca Sarlo (2006, p. 21).

No poema “Táxi”, publicado em 1986, o sujeito lírico desenvolve uma escuta sensível ao narrar as peculiaridades e transformações da cidade de Fortaleza. Aí a questão urbana tem o sentido amplo. Para além da singularidade regional, os contrastes vivenciados na cidade são consequências do processo de modernização adotado no país. Entretanto, o olhar de Espínola sobre a terra natal foge ao plano físico e histórico. Trata-se de um olhar lírico que projeta a imagem da cidade em transformação, ressignificando a história desse espaço, como se observa nos versos a seguir:

TUDO COMEÇA SUBITAMENTE ONDE ESTOU

– Ó Fortaleza, multidão de portas e postes
batendo com sua luz adolescente no olho da
eternidade! Fortaleza de 300 mil bocas
ardentes como o sol, famintas de amor e
tragos de farinha.

Fortaleza de prédios mal-acabados, espetando a noite furiosa e

[redonda.

Fortaleza, avenida de neon, deslizando para
 todos os desejos. Fortaleza, Bezerra de
 Menezes, seis mãos indo e voltando, viajando,
 num só sentido, no banco traseiro de um táxi,
 para onde vamos?

Fortaleza, solidão escamosa, suor noturno, revelação...

EU TE PECORRO

(ESPÍNOLA, 1996, p. 24)

A obra de Espínola retoma ainda, no poema “Táxi”, os inevitáveis contrastes da terra natal. Além disso, as dicotomias: presente/passado, novo/velho, próspero/decadente, explorador/explorado percorrem sua poesia numa ambiguidade constante. As imagens contrastivas utilizadas pelo poeta representam as mudanças socioeconômicas e culturais em consequência da reorganização do espaço urbano. Alguns elementos básicos que aparecem no poema ajudam a preservar a memória da cidade. Enquanto isso, os problemas urbanos são visíveis por meio das imagens transformadas em palavras a partir da subjetividade do poeta. A urbe, evocada pela poesia de Adriano Espínola, não é só a Fortaleza do presente, mas também a do passado e a do futuro. Sua poesia apresenta uma cidade em transformação que tenta modernizar-se de qualquer maneira, de forma desordenada. Entretanto, esse processo de modernização transformou o espaço urbano e afetou principalmente as relações entre as pessoas. Segundo Gisafran Nazareno Mota Jucá (2003, p. 24): “[...] a expansão de Fortaleza desencadeou a miserabilidade urbana, expressa principalmente por meio da mendicância, da prostituição, do latrocínio e do abandono de menores, de velhos e deficientes físicos, bem como de incremento à criminalidade.”.

De acordo com Jucá (2003), o fluxo migratório decorrente da decadência dos engenhos e do surgimento das indústrias, além da seca, são um dos fatores responsáveis pelo êxodo rural da região. Entre 1945 e 1960, durante o período de modernização do Nordeste, apesar do seu visível crescimento urbano,

Fortaleza não consegue absorver a mão de obra oriunda do campo. De fato, essa modernização transformou as condições de vida, com consequências sociais e econômicas expressivas e problemáticas.

Fortaleza foi uma das cidades nordestinas que passaram pelo processo de reorganização e embelezamento dos centros, a exemplo da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro. Esse processo atraiu milhares de pessoas que migraram para a cidade de Fortaleza fugindo das intempéries em suas localidades, em busca de emprego. Não havia um espaço pensado para essa população na nova estrutura da cidade. As pessoas chegavam e, sem alternativas, acabavam ocupando as margens ou o reverso da urbe. Jucá, no livro *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza*, reflete sobre as transformações urbanas daquela cidade, por isso afirma:

Com a hegemonia do Sudeste, no quadro nacional, aquela região enfrentava maiores obstáculos a sua organização econômico-social. Além de uma tecnologia ultrapassada no setor das indústrias açucareira e algodoeira, acrescida da oscilação de preços, da instabilidade agrária decorrente das secas e do sistema latifundiário improdutivo, o fluxo migratório disparou, tornando-se visível pelo aumento dos subempregos e dos mendigos que afluíram a Fortaleza. (JUCÁ, 2003, p. 24-25)

É sobre esse cenário de “miserabilidade urbana” que o poeta lança seu olhar e traduz o que vê e observa em discurso lírico. Ele transporta a vida para o cenário poético e desenvolve uma escuta sensível sobre às figuras que passam a sobreviver nos avessos da cidade em desenvolvimento. No entanto, sua lírica não se limita a esse lugar, pois ultrapassa as barreiras cronológicas do seu tempo e do seu mapa. Ao longo de sua trajetória, Espínola tem trazido para o público o tema da cidade e sua problemática como reflexo da expansão e da reorganização desse espaço. Como se pode notar no trecho do poema “Táxi”, o poeta trata de várias problemáticas da região, como o fluxo migratório, a seca, a exploração

dos latifundiários e a religiosidade que alimenta a esperança de quem vive na terra ressequida:

[...] Depressa, compadre.

A poeira subindo pela estrada,

Farelos de sol sobre a terra ressequida,

[...]

as unhas da caatinga quebrando-se à beira da rodagem,

enquanto, espantadas,
voam as primeiras nambus
da tarde. Depois, subir com
certo fervor incrível o
Horto do Padre Cícero
Romão Batista. Ali, onde
romeiros com pedras na
cabeça

Caminham,

Transidos de dor e esperanças.

Porque meu Padim é justo e santo.

Não importa o corpo esbagaçado nos engenhos,

debulhado pelo
latifúndio, açoitado
pelas secas e os
coronéis.

[...]

Em êxtase miserável, Eles
esperam o milagre, a benção, a
felicidade terrena adiada para um
outro tempo.

[...]

Eiá, todos para dentro do carro, ao
meu lado! Beatos e sofreadores em
procissão contrita, *Lasciate ogni
speranza, voi ch' entrate.*

[...]

Agora desce a toda.

Apanhar no meio do caminho
aquele cambiteiro, Que me olhou
por acaso, saindo do Horto, E
sonha toda semana em ir para São
Paulo.

Cruzar com ele, dois anos depois,
em plena avenida São João,
todo areado, por entre
trombadinhas, putas e travestis.

“Que bicho é esse? Vôte!”

Depois, descermos juntos,
dentro do Táxi, Para a Rua
Aurora,

onde enormes cartazes de
filmes pornô, bundas
coloridas e empinadas –
nos esperam.

“Valei-me, meu padim!”

[...]

O pobre do Pedro, sem
entender nada, foi ser peão
e pedinte – pudera –
enganado e roubado(até as
roupas) pelo primo que lhe
prometera emprego...

(ESPÍNOLA, 1996, p. 42-44)

O eu lírico simbolicamente agrega os excluídos sociais como passageiros do “táxi”, na condição de indivíduos cuja força de trabalho continua a ser explorada pelo capitalismo contemporâneo como simples mercadoria. Nesse contexto econômico, a busca pelo lucro estimula e intensifica o processo de reificação da força de trabalho das pessoas que se encontram em condição social frágil, sendo constantemente alvo de hostilidades, discriminações, preconceitos e violência.

A denúncia do poeta leva a perceber que o sistema brasileiro legitima a exclusão social, cultural, política e econômica desses sujeitos, que acabam relegados à margem da sociedade. A cena mostra a precariedade da condição dessas pessoas, cujos direitos costumam ser negligenciados pelo estado. São indivíduos que se veem privados do acesso à saúde, à alimentação, à moradia e à educação, sendo ainda submetidos à exploração de sua força de trabalho.

Nesse contexto, a escrita de Adriano Espínola é importante, pois, representa de forma lírica, o processo de transformação da imagem da cidade de Fortaleza e seus problemas ainda não solucionados. Nessa escrita, presente e passado são intercalados pelo olhar e pelo fluxo da memória do poeta, que registra e ressignifica as cenas e questões que perpassam o processo de transformação da terra natal.

Além da cidade de Fortaleza, Adriano Espínola elege o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro para integrar o seu discurso lírico. O poema “Metrô”, escrito em 1993, e revisto em 1996, traz as impressões que o poeta tem da cidade que escolheu para viver. Através do olhar, o poeta tece a representação de uma cidade simbólica, por meio de imagens contrastantes da cidade real e toda a sua problemática. Ao compor esse poema, Espínola não registra apenas suas impressões sobre a cidade do Rio de Janeiro e as vivências cotidianas, mas o faz em diálogo constante com a tradição e com as suas próprias obras. Esse aspecto intratextual é marcante em sua poesia, especialmente no poema “Metrô”, como podemos perceber nos versos a seguir:

Depois da corrida
inesperada do Táxi por
dentro da cidade e da
memória,

de ter penetrado no inominável delírio do
presente, com o taxímetro marcando
alucinado o preço da eternidade;

[...] Depois disso tudo,
vamos lá, motorista,
para casa, de carona
no banco traseiro do
Táxi, lá para a Rua São
Salvador, no Rio.

Ah, repor os nervos e as sensações
no lugar, no conforto giratório de
minha cadeira e da cama, pensas de

tanto sonhar e viajar pela noite
adentro!

Porque de repente sempre surge em
tudo um cansaço e uma
curva, por onde retornamos e
recomeçamos noutra lugar o que foi
esboço do passado e nervura do
presente.

Sim, estamos sempre voltando para casa.
Estamos sempre voltando para casa do tempo.

Trepado entre o silêncio e o som
furioso dos carros, no alto deste
apartamento no 16º andar,
em que vejo defronte os edifícios,
uma fatia do mar,
as montanhas de Niterói
e o avião Electra II da Varig,
subindo pela ponte Rio-São Paulo,

– eu, condômino do precário, aceno para
o mundo, aceno para todos os
passageiros a bordo deste instante, para
o Sebastião lá embaixo

(que aqui chegou e nunca me
verá), passando, apressado, em
sentido contrário, em sua
bicicleta toda enfeitada.

(ESPÍNOLA, 2002, p. 69-70.)

Nestes versos, o poeta inicialmente recorre à auto-textualidade ao tomar o poema “Táxi” como ponto de partida e referência. Também explora as cenas da cidade carioca que observa em sua movimentação cotidiana. Ele traduz o tempo presente da cidade em versos que começam estáticos, revisitando a memória, e logo em seguida cede espaço para a velocidade e o dinamismo, representados pela presença dos ruídos dos automóveis e aviões. Aliás, Fonseca

(2012, p. 70) explica que: “O automóvel era símbolo por excelência da modernidade, do progresso e da velocidade, desde os anos finais do século XIX”.

Em geral, Adriano Espínola ambienta seus poemas nas cidades de Fortaleza e Rio de Janeiro, mas como já foi dito, sua lírica não se limita a esses espaços geográficos. Sua poesia representa a imagem de um espaço dinâmico, resultante das ações humanas que se tem intensificado com o passar dos anos. Ou seja, a cidade de Espínola são todas as cidades agitadas que seu olhar subjetivo contempla numa visão ao mesmo tempo entusiástica e irônica. Na cidade de seus versos, o poeta cearense, ao captar o efêmero e o circunstancial, não deixa de lado a subjetividade e a criticidade:

[...] Ah, nada mais universal do que
um trecho qualquer agitado de uma
cidade, ao sul do oriente do
Ocidente!

Solidário aos esbarrões,
comovido na multidão, me
disperso além, na contemplação
indiferente desta cidade, que não
é minha, sendo minha neste
instante.

(ESPÍNOLA, 2002, p. 15)

Não há dúvida de que a poesia de Espínola ultrapassa o espaço físico de Fortaleza e Rio de Janeiro. Em seus versos, a agitação cotidiana independe da configuração espacial delimitada por essas duas cidades. As cidades traduzidas em seus versos representam todas as cidades que simbolizam as experiências e as problemáticas da vida em sociedade.

3. O ECO DA TRADIÇÃO MODERNA: FONTE DE DIÁLOGO LÍRICOS

A partir da escrita de Adriano Espínola é possível analisar a paisagem urbana no contexto contemporâneo, levando em consideração que “[...] a

modernidade ainda está conosco e que estamos sentindo os efeitos da turbulência que ela provocou [...]” (BAUMAN, 1999, p. 288). No entanto, ao nos referirmos à escrita deste poeta optamos pelo termo “contemporâneo” no lugar de pós-moderno de que trata Zygmunt Bauman, mesmo concordando com ele na correlação que estabelece entre o termo moderno e pós-moderno. Afinal, como afirma o autor, “ainda estamos sofrendo os efeitos da modernidade”. De fato, consideramos mais produtiva na leitura da poesia de Espínola a noção de contemporaneidade, conforme formulada por Giorgio Agamben (2009, p. 59) como “uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias”.

Espínola é precisamente este poeta, ao mesmo tempo imantado no tempo das vivências que recria no poema e dele distanciado pelo agudo senso crítico. Assim, na condição de poeta contemporâneo, “é aquele que consegue manter fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. (AGAMBEN, p. 62). Sua visão extrapola o limite temporal, na medida em que ele projeta o seu olhar sobre os escuros do seu tempo, para iluminar criticamente os seus sentidos. Portanto, “é aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (AGAMBEN, p. 63).

Com essa noção crítica, o jogo entre ambos os contextos, o moderno e o contemporâneo, é fundamental para a compreensão da poesia de Espínola, levando em conta a conexão entre as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais das cidades por ele vivenciadas em diferentes momentos. A sua escrita apresenta traços intertextuais com o discurso literário do final do século XIX e início do século XX, entretanto a linguagem poética que a compõe a situa no contexto contemporâneo. A relevância do seu enfoque decorre da habilidade do poeta ao retomar o discurso da tradição literária, assim como sua capacidade de fazer uma releitura dessa tradição, de modo a contemplar a sua época. Da mesma forma que os poetas modernos transformaram as problemáticas trazidas pela modernização dos espaços urbanos em seus textos,

assim o faz Adriano Espínola. Nesse sentido, a sua escrita, em sua contemporaneidade, projeta-se para além do seu tempo, situando-se para além de um contexto e de uma época.

Afinal, como afirma Bauman (1999): “O que é realmente novo na nossa atual situação, em outras palavras, é o nosso ponto de observação [...]”, visto que “[...] nada na história simplesmente termina, nenhum projeto jamais é concluído e descartado”. Para Bauman (1999) no contexto atual, vivemos a “modernidade que atinge a maioria”. Podemos dizer que é a modernidade olhando-se à distância e não de dentro, de forma auto-irônica e altamente crítica de seus temas e de suas linguagens. Consciente disso, o poeta cearense não descarta nem rejeita a tradição moderna, ao contrário, ele a utiliza fragmentariamente para estruturar sua escrita, numa perspectiva contemporânea. Assim, ele retoma outros textos e cita diversos autores, num diálogo textual dinâmico e produtivo. Nessa perspectiva, concordamos com Pesavento (2002, p. 22), pois “se os discursos e imagens construídos sobre o urbano são um índice social e um objeto do imaginário coletivo, são também capazes de migrar no tempo e no espaço”.

De fato, para versificar sobre a temática da cidade, o autor recorre às visões literárias do urbano, estabelecendo articulações entre práticas e representações em tempos e espaços distintos. Para dar um sentido original à temática, o autor incorpora novos elementos, recria discursos, reorganiza pensamentos, tudo para evidenciar a conjuntura atual sem, necessariamente, negar tudo o que já foi dito e escrito sobre o assunto. O poeta cearense cria um eu lírico que está inserido em um novo contexto, mas carregado de experiências recolhidas de fontes do passado. Dessa forma, ele lança o seu olhar sobre a conjuntura social da “nova” cidade, onde sobrevive e observa a vida cotidiana, de maneira crítica e vertical.

Espínola, assim como os grandes poetas leitores do processo urbano, transforma as sensações visuais do seu tempo em discurso fluido, no qual as transformações são captadas e registradas, em constante movimento de vir a ser; pois nada permanece imutável por muito tempo. Nessa direção, as considerações de Marshall Berman (1986) são importantes para compreendermos melhor a sua poesia.

Berman (1986) não esconde o seu fascínio pela discussão da modernidade, ao mesmo tempo em que tenta “descortinar algumas das dimensões de sentido” da vida moderna. Segundo ele, “a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade”. Além disso, ele chama a atenção para um fato importante: “para que as pessoas sobrevivam na sociedade moderna”, independente de classe social, elas devem policiar “suas personalidades”, que “necessitam assumir a fluidez e a forma aberta dessa sociedade”.

Como salienta Berman (1986), a modernidade lança-nos “num turbilhão de permanente desintegração e mudanças, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia”. Esse turbilhão, que envolve a vida moderna tem sido alimentado principalmente pelo mercado capitalista mundial que dirige e tenta manipular as pessoas e as instituições, unindo-as na desunidade.

De fato, é essa desunidade que os sujeitos sociais experimentam no espaço delimitado na escrita de Adriano Espínola. O poeta cearense, consciente das transformações desse espaço marcado pela modernização e pela explosão demográfica, sabe que a cidade é o local de refúgio físico e simbólico, da diversidade de grupos e tipos distintos, responsáveis, direta ou indiretamente, pela intensificação da desunião nesse espaço. Assim como o poeta francês Charles Baudelaire usa a imagem polissêmica e polifônica da Paris do século XIX como fonte de inspiração, Espínola adota as cidades de Fortaleza e Rio de

Janeiro como *leitmotiv* de sua escrita, ambas com suas marcas particulares e sob os efeitos do sistema capitalista.

Nesse sentido, concordamos que Espínola está alinhado à tradição poética iniciada na modernidade. A partir do poder do olhar e da subjetividade, esse poeta constitui um eu lírico capaz de representar a realidade do seu tempo ao usar as imagens cidadinas, apoderando-se do efêmero e da tradição. Assim, nota-se que a relação entre poesia, cidade e burguesia – tema recorrente na poesia moderna – é destaque em sua obra.

Segundo Marshall Berman (2001), ao descrever a burguesia, Karl Marx afirmou que ela desempenhou um papel altamente revolucionário na história. Nesse sentido, Berman (2001, p. 90 - 97) faz dois questionamentos importantes. O primeiro é: o que fizeram os burgueses para merecer a exaltação de Marx? O segundo questionamento é: o que é que os membros da burguesia têm medo de reconhecer em si próprios?

No poema “Minha gravata colorida”, que surgiu em 1982, em Fortaleza, e foi reelaborado e republicado no volume *O lote clandestino* (2002), Espínola traz essa inquietação, ao retratar o sujeito “fluído” que Marx nos apresenta nesse contexto de oposição do mundo burguês. Portanto, através dos seus versos, o poeta nos apresenta esse universo de exploração em que os homens se escravizam, como podemos observar:

[...]

O mundo é esta roda imensa (sabida
e consentida) que se move com o
bagaço dos miseráveis, dos
explorados & fracassados, dos
loucos & desastrosos, para que
desse estrume, regado a sangue e a
medo, brote finalmente a mais fina
flor do humanismo:

os sonhos mais ardentes,

os gestos mais caridosos e
magnânimos, as religiões mais

consoladoras que podem existir, os
sistemas filosóficos mais
completos, a arte mais refinada, os
artistas mais sensíveis,

- a 9.^a sinfonia, Chopin, Van Gogh, Trakl, Cruz e Souza -,

a teoria da relatividade e a quântica (para
amanhã, a teoria do campo unificado), os
projetos empresariais mais ousados, a
tecnologia mais sofisticada e a mídia
eletrônica que te abraça todos os dias...
Tudo enfim, feito pelos superiores happy
few, roteiristas materiais e espirituais do
resto da humanidade. (ESPÍNOLA, 2002, p.
25)

No poema “Minha Gravata Colorida”, o eu lírico humanizado narra as aflições que afetam a vida na cidade, espaço de constantes transformações e contradições. Nesse poema, também podemos dialogar com a ideia que Marshall Berman (1986) traz a respeito do que é “ser moderno”. Definição que ainda se aplica aos nossos tempos: “Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor, – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”. (BERMAN, 1986 p.15).

Supomos que há na obra de Espínola os aspectos negativos e positivos do seu tempo. Semelhante a Baudelaire, que fez do negativo algo fascinador, o mesmo podemos dizer dos versos de Adriano Espínola. Diante disso, podemos afirmar que a criação literária de Espínola dialoga com a tradição moderna que inspira seus poemas. Ele dialoga inclusive com as próprias criações, como os poemas “Táxi” e “Metrô”, mencionados anteriormente. Todavia, por outro lado, por meio de sua escrita, Espínola também questiona essa tradição.

Se retomarmos a ideia de Bauman (1999) de que a pós-modernidade não significa o fim, o descrédito ou a rejeição da modernidade, o mesmo podemos aplicar à escrita do poeta cearense. A poesia de Adriano Espínola incorpora o

discurso da tradição fazendo uma releitura e transformando os fragmentos do mundo real em um “produto novo”. Como se conclui, é a partir da tradição que cidade e burguesia se intercalam, originando uma construção indissociável que dá origem à própria poesia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua trajetória lírica, Adriano Espínola projeta imagens as mais próximas possíveis da vida em seu tempo, a fim de refletir experiências e aprimorar sua visão de mundo. Ele dá expressão à cidade, ao mesmo tempo em que tematiza aspectos da vida dos sujeitos sociais inseridos na conjuntura de modernização e transformação do espaço urbano. Observando as cenas, interpretando os sentidos e narrando os fatos, o poeta dá vida a esse espaço heterogêneo e aparentemente indomável onde se configuram as metrópoles contemporâneas. Em seus versos a construção poética se dá pelo poder da subjetividade interligada ao poder do olhar e da palavra. Nessa perspectiva de instabilidade dos valores e transitoriedade das coisas, o poeta elabora o seu discurso poético. Ao compor seus versos, Espínola não registra apenas suas impressões sobre as vivências cotidianas da cidade de Fortaleza e do Rio de Janeiro, mas o faz em diálogo constante com diversos autores, retomando discursos da tradição literária e dos próprios discursos.

Na poesia em que representa suas cidades, Espínola retrata os costumes através do uso da língua falada pelo homem simples. Através da poesia, o poeta cria um eu lírico que está inserido em um novo contexto, mas carregado de velhas práticas. São as práticas sociais dos sujeitos que constroem a cidade física, cheia de contrastes e desigualdades, que Espínola traduz em linguagem poética. De fato, o poeta cearense nunca representa a cidade sobre um ângulo completamente positivo, mas mesclado de opostos, principalmente quando se trata das relações humanas e sociais.

O poeta traduz o tempo presente da cidade em versos que simbolizam a velocidade e o dinamismo, representados nas figuras dos transportes públicos e de termos que indicam movimentos. A partir do poder do olhar e da subjetividade, Espínola constitui um eu lírico capaz de representar a realidade do seu tempo, usando imagens citadinas que se apoderam do efêmero e da tradição. O olhar de Adriano Espínola não fica neutro diante das cenas urbanas. Por meio da arte, o poeta registra suas impressões, faz sua avaliação crítica e demonstra preocupações com os desequilíbrios da vida urbana e humana, sobretudo em um tempo-espaço que exclui os indivíduos mais do que os inclui.

O poeta incorpora em seus versos a agitação desse lugar conflitante. Essa agitação reflete a necessidade de se reinventar nesse espaço. O excesso de imagens e signos desse ambiente inóspito se ressignifica a partir do olhar do poeta, que transforma o caos urbano em linguagem. Os seus versos revelam o ritmo acelerado e desordenado do mundo contemporâneo. A expressividade, a pluralidade do discurso, a musicalidade e a construção poética são destaques em sua obra. O poeta elege a cidade como objeto de sua poesia e o faz a partir da linguagem e da representação lírica que transcende esse mundo real.

Ao ler os poemas de Adriano Espínola, devemos considerar que a cidade que ele representa não é uma massa estática no tempo e no espaço, mas uma entidade que se transforma numa velocidade assustadora, enquanto o poeta se mostra atento a esse processo de transformação. O resultado da sua poética é fruto da sua capacidade interpretativa diante desse ambiente agitado, múltiplo e desordenado das cidades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2019.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Graciliano Ramos e o desgosto de ser criatura*. Maceió: EDUFAL, 2008.

BAUDELAIRE, Charles. As Multidões. In: BAUDELAIRE, Charles . *O Spleen de Paris*: pequenos poemas em prosa. Tradução Leda Tenório da Mata. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CALVINO, Ítalo. *As cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ESPÍNOLA, Adriano. *Em trânsito – Táxi/Metrô*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

ESPÍNOLA, Adriano. *O Lote Clandestino*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

FONSECA, Aleilton. *O Arlequim da Paulicéia*: imagens de São Paulo na poesia de Mário de Andrade. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)*, São Paulo: Annablume, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

SARLO, Beatriz. *Cenas da Vida Pós-moderna*: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. 4. ed. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2006.

Recebido em 15/02/2019.

Aceito em 27/04/2019.